

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

PARA ALÉM DO ANTROPOCENTRISMO: TECENDO OLHARES SOBRE AS RELAÇÕES MULHERES E NATUREZA

Isabel Marques¹

Juliana Corrêa Pereira Schlee²

Paula Corrêa Henning³

RESUMO

O presente trabalho parte da interlocução de duas alunas do Programa de Pós-Graduação de Educação Ambiental na Universidade do Rio Grande-RS, que além das elaborações de seus trabalhos individuais em uma tese e dissertação possuem desassossegos em comum, relacionados a algumas searas da Educação Ambiental, dentre esses o reducionismo conceitual entremeadado às mulheres e a natureza. Entendemos o antropocentrismo como uma verdade estabelecida. E as mulheres como estão posicionadas nessa relação? Com articulações conceituais sob aporte teórico de autores como Michel Foucault, Friedrich Nietzsche, Leandro Guimarães, Alfredo Veiga-Neto, Rosa Fischer, Mauro Grun e Isabel Carvalho, a escrita tece momentos de pensamento e reflexão sobre o que vem sendo distribuído nas relações mulheres-natureza.

Palavras-chaves: Educação Ambiental; Antropocentrismo; Mulheres-natureza.

1. INTRODUÇÃO: CONTEXTUALIZANDO A ESCRITA

O presente trabalho parte da interlocução de duas alunas do Programa de Pós-Graduação em Educação Ambiental na Universidade do Rio Grande- RS, que além das elaborações de seus trabalhos individuais em uma tese e uma dissertação, possuem desassossegos em comum relacionados a algumas searas da Educação Ambiental, dentre eles sobre as relações mulheres e natureza.

¹ Doutoranda em Educação Ambiental – FURG. Mestre em Educação e Tecnologia – IF Sul, Integrante do Grupo de Pesquisa Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia - GEECAF/FURG. Bolsista CAPES. Rio Grande, Rio Grande do Sul, Brasil. E-mail: isabel.marques.82@gmail.com.

² Mestranda do Programa de Educação Ambiental pela Universidade Federal do Rio Grande – FURG. Integrante do Grupo de Estudos em Educação, Cultura, Ambiente e Filosofia - GEECAF/ FURG. Bolsista CAPES. E-mail: julianaschlee@gmail.com.

³ Doutora em Educação, professora dos Programas de Pós-graduação em Educação e Ciência e Educação Ambiental da Universidade Federal do Rio Grande.

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

Diante disso, o presente artigo tece inquietações buscando um passo além do antropocentrismo, este tão marcado pelo homem, e busca lançar olhares para as mulheres também entrelaçadas nessas teias discursivas.

Para organização do trabalho, trazemos em sua primeira parte os contornos metodológicos, assim como uma seção sobre antropocentrismo na seara da Educação Ambiental, após repensamos os olhares sobre as relações mulheres e natureza. Para finalizar esta escrita tensionamos verdades, tecendo novos olhares sobre as relações entre a sociedade e a natureza, articulando algumas considerações que desejam momentos de pensamento e reflexão nos interstícios da Educação Ambiental.

2. CONTORNOS METODOLÓGICOS

A tessitura da escrita ganha alinhamentos metodológicos, através da Análise do Discurso, buscando inspiração em Michel Foucault (principalmente nas obras “Arqueologia do Saber” - 2008 e “A ordem do Discurso” - 1999), operamos com o conceito de discurso, a partir dos ensinamentos do filósofo, procurando as visibilidades e enunciabilidades dos discursos. Discurso, não como um conjunto de signos utilizados para designar coisas, mas de acordo com o que Foucault (2008, p.55) preceitua:

[...] uma tarefa inteiramente diferente, que consiste em não mais tratar os discursos como conjuntos de signos (elementos significantes que remetem a conteúdos ou a representações), mas como práticas que formam sistematicamente os objetos de que falam. Certamente os discursos são feitos de signos; mas o que fazem é mais que utilizar esses signos para designar coisas. É esse mais que os torna irreduzíveis à língua e ao ato da fala. É esse "mais" que é preciso fazer aparecer e que é preciso descrever.

O trabalho busca guarida também sob aporte teórico de Friedrich Nietzsche, junto a autores nacionais como: Paula Henning, Leandro Guimarães, Alfredo Veiga-Neto, Rosa Fischer, Mauro Grun, Isabel Carvalho, Dárcia Ávila, Paula Regina Ribeiro, e algumas autoras como Sandra Garcia e Rosi Braidotti, Ewa Charkiewicz, Sabine Hausler e Saskia Wieringa, nos ajudaram na compreensão das relações entre mulheres/natureza.

3. ANTROPOCENTRISMO NA SEARA DA EDUCAÇÃO AMBIENTAL

Na Educação Ambiental, muito se aborda sobre o antropocentrismo, sendo este retratado como a relação do homem *versus* natureza: “o homem em um plano e o ‘resto’ como planícies, montanhas, oceanos, ao serem vistos à distância, como objetos em miniatura”, realidades distantes e individuais, vigorando uma importância aos recursos como produtos aptos ao consumo, direcionando para a produção (SEABRA 2013, p. 11). Ou então, distanciamento e desconexão, o homem em um lugar central e a natureza em outro lugar, a natureza como fonte de recursos, posteriormente como depósito dos resíduos provenientes do uso dos recursos. Segundo Grun (2007, p. 44):

Na epistemologia cartesiana existe um observador que vê a natureza como quem olha uma fotografia. Existe um “eu” que pensa e uma coisa que é pensada; esta coisa é o mundo transformado em objeto. O sujeito autônomo está fora da natureza. A autonomia da razão pode ser considerada como uma das principais causas a engendrar o antropocentrismo. Em uma postura antropocêntrica o Homem é considerado o centro de tudo e todas as demais coisas no universo existem única e exclusivamente em função dele. O antropocentrismo é um mito de extrema importância para a manutenção da crise ecológica [grifo do autor].

De acordo com Milaré (2015, p. 106), autor da clássica obra do direito ambiental “Direito do Ambiente” o antropocentrismo:

é uma concepção genérica que, em síntese, faz do Homem o centro do universo, ou seja, a referência máxima e absoluta de valores (verdade, bem, destino último, norma última e definitiva etc.), de modo que ao redor desse “centro” gravitem todos os demais seres por força de um determinismo fatal. [grifo do autor].

Por ser um conceito recorrente em discussões ambientais, destacamos o que Veiga-Neto (2014, p. 219) nos convida a pensar, ao abordar o antropocentrismo, no cuidado que devemos ter ao produzir discursos como esses:

Nesses processos de ressignificação das relações entre o humano e o ambiental, convém estarmos atentos para as frequentes contradições performativas que qualquer análise discursiva, que por mais simples que

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

seja, põe logo à mostra. (...) muitos (...) defendem ardorosamente uma leitura holística da posição do homem no mundo natural, entendendo-o numa relação de imanência mútua radical. Mas, ao mesmo tempo, defendem um tipo de alimentação à qual eles mesmo adjetivam de “natural”. Com isso, eles colocam o humano fora da natureza, separado do mundo natural. Basta perguntarmos por que, se consideram o homem como parte indissociável da Natureza, chamam de não natural aquilo que é produzido pelo próprio homem. [grifo do autor].

Grun (2007, p. 35) ressalta que Descartes legitima a unidade da razão com a objetificação da natureza, implicando simultaneamente domínio, posse, mas também afastamento da natureza. Ele prossegue que, com base nesse dualismo que se encontra a gênese filosófica da crise ecológica moderna e, a partir dessa cisão, a natureza nada mais é que um objeto passivo no aguardo de um corte analítico: os seres humanos retiram-se da natureza e a olham como se fosse uma fotografia.

Porém, podemos observar que as noções antropocêntricas são muito pautadas na figura masculina. Desse modo, na próxima parte do texto lançamos olhares para a figura feminina entremeada ao ambiente.

4. MULHERES E NATUREZA: REPENSANDO OLHARES

Com citações de Braidotti *et al.* (1994) e Garcia (1992) começamos a tecer a teia atrelada a figura feminina em relação ao ambiente:

Será que todas as mulheres do mundo se preocupavam “naturalmente” com o estado do meio ambiente acima de outros problemas que encaram diariamente? São as mulheres vítimas especiais da destruição do seu meio ambiente? (BRAIDOTTI *et al.*, 1994, p.27-29).

Qual é a especificidade da relação entre mulher e meio ambiente? Ela é distinta da relação homem/meio ambiente? (GARCIA, 1992, p. 163).

Tais questões trazidas pelos autores nos fazem pensar nos modos como nos constituímos como natureza e como mulher. Tais interrogações nos potencializam a pensar o quanto esses discursos são fabricados na cultura que, atrelados por relações de poder, fazem emergir verdades e saberes, dados como naturais. No entanto, esta relação

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

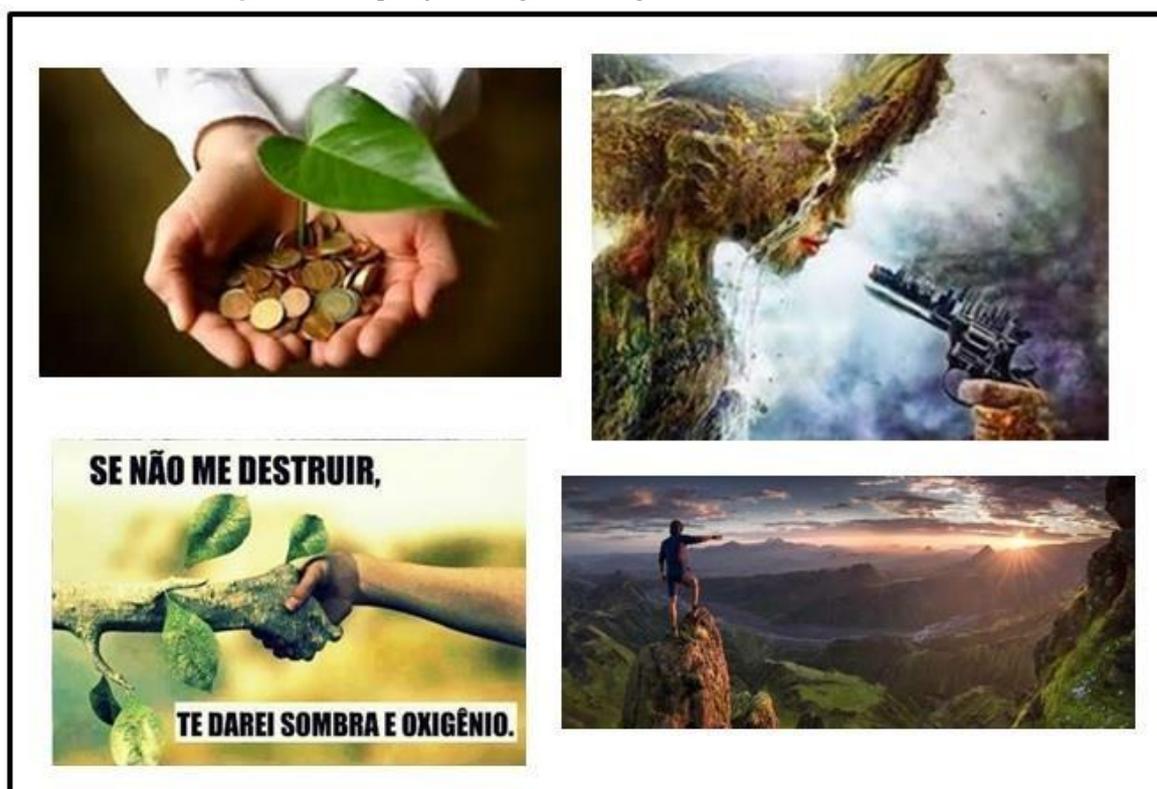
<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

mulheres/natureza tem sido alvo de muitas divergências e antagonismos: se por um lado as mulheres são vistas com laços especiais com a natureza, como salvadoras naturais da natureza, por outro lado reconhecem que as mulheres e a natureza são simultaneamente subjugadas, de formas históricas e culturais específicas (BRAIDOTTI *et al*, 1994).

Para este trabalho buscamos algumas imagens como material empírico para ilustrar o que é tomado como natural, como verdadeiro nas relações homem/natureza e mulher/natureza na mídia. Com esta finalidade, pesquisamos no portal de buscas Google: Homem e Natureza (Figura 1) e Mulher e Natureza (Figura 2) e obtemos alguns resultados:

Figura 1: Composição de algumas imagens sobre Homem e Natureza



Fonte: Google, 2018.

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

Figura 2: Composição de algumas imagens sobre Mulher e Natureza



Fonte: Google, 2018.

Na Figura 1 podemos ver algumas imagens para ilustrar as relações de antropocentrismo que discutimos anteriormente: os homens segurando moedas e uma planta, mão masculina com arma ameaçando a natureza, relações de contrato “se não me destruir, te darei sombra e oxigênio” e na última imagem há um homem contemplando o pôr-do-sol em posição de destaque em relação à natureza. Muitas imagens nos remetem ao domínio da natureza, agressão, contrato, negócios.

Já na Figura 2, podemos observar as atribuições voltadas ao feminino: árvore em forma de corpo feminino, mulher em meio ao verde com pombas brancas e na última imagem uma mulher em meio à natureza vestida com plantas. Ao colocar as palavras Mulher e Natureza no Google apareceram imagens que nos remetem a pensar sobre beleza, harmonia, equilíbrio, cuidado, proteção, conexão, integração.

Mas é importante pensarmos e problematizarmos o que é tomado como natural e óbvio. Atualmente, além da desconstrução da categoria mulher, é problematizada a relação

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

das mulheres com a natureza e o meio ambiente. Neste contexto, mulheres e meio ambiente não podem ser naturalizados e homogeneizados, tampouco suas relações universalizadas (ÁVILA, RIBEIRO E HENNING, 2016). Nos interstícios da educação ambiental formas de se relacionar com a natureza, com o mundo vão se constituindo histórica e culturalmente.

Preocupamo-nos aqui de não fazer inversões, trazendo à tona as mulheres como conhecedoras privilegiadas e potenciais salvadoras da natureza, mantendo as hierarquias e perpetuando o dualismo mulher/homem. A sua posição como mulheres não as qualifica para gerir o ambiente melhor do que qualquer outra pessoa, mesmo que a população das mulheres seja a mais afetada pela degradação e pela crise ambiental (BRAIDOTTI *et al*, 1994).

No entanto, a crise ambiental atinge de diferentes formas diversos grupos de pessoas em diferentes regiões, potencializada por um modelo ocidental de desenvolvimento. Nos anos 60/70 do século XX, em um contexto pós-segunda Guerra Mundial, surgiu diversos movimentos de contestação política: o movimento estudantil em 1968 na França, o movimento dos direitos civis dos negros nos Estados Unidos, movimento social político de abertura democrática nos países latino-americanos, a segunda onda do movimento feminista e o movimento ambientalista, se constituíram e se fortaleceram. Nesse diferentes grupos, questionamentos e debates eram desencadeados, principalmente ao modelo de desenvolvimento concebido como um projeto ocidental moderno e que não trouxe a melhoria prometida. Ao contrário, tal projeto contribuiu para o crescimento da pobreza, para um aumento das desigualdades e para a degradação ambiental.

O movimento ecológico ou ambientalista constituídos principalmente por jovens e imersos num clima contracultural, articulavam influências do movimento estudantil de 1968, da nova esquerda, e do pacifismo em um ideário de mudança social e existencial de contestação à sociedade consumista e materialista, denunciando os riscos e impactos ambientais do modo de vidas das sociedades industriais modernas, tendo como horizonte utópico uma vida livre de normalizações e repressões sociais e em harmonia com a

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

natureza (CARVALHO, 2012). O ideário contestador dos modos de vida das sociedades capitalista é um componente que unificou os diferentes sujeitos dos movimentos ecológicos (GUIMARÃES, 2008), mas apesar disto o movimento ecológico é múltiplo e variado, assim como a Educação Ambiental.

[...] queremos insistir que os movimentos ecológicos ao surgirem na esteira de um conjunto amplo de outros movimentos contestatórios inauguram, em relação aos discursos sobre a natureza de épocas anteriores, uma disseminada crítica global à sociedade industrial e aos estilos de vida dela derivados. Esse ideário, embora circulante pelos movimentos em seu conjunto, esteve longe de homogeneizá-los e circunscrevê-los a uma única direção. Os movimentos ecológicos aglutinaram um conjunto amplo de sujeitos com interesses e propósitos muito variados (GUIMARÃES, 2008, p. 97).

Nesta trama podemos observar que o movimento ambientalista, feminista e outros movimentos sociais e políticos, emergem num contexto histórico e cultural. O que nos interessa aqui é ver como a relação mulheres e natureza vem sendo atrelada ao campo de saber da Educação Ambiental, dando maior visibilidade para as mulheres convocando-as à proteção ambiental a nível global. Ao analisar os programas globais das Nações Unidas para o Desenvolvimento – PNUD e União Internacional de Conservação da Natureza – UICN, conforme pesquisa realizada por Ávila, Ribeiro e Henning (2016), destaca-se a operação do gênero como dispositivo que, articulado aos dispositivos de Sustentabilidade e da Educação Ambiental, procura gerir a população para se alcançar o desenvolvimento sustentável. Nesta agenda global, o gênero vem enunciando e constituindo as mulheres na gestão do planeta para um melhor desenvolvimento no século XXI.

Isabel Carvalho (2012) nos provoca a repensar nosso olhar sobre as relações entre a sociedade e a natureza, isso significa “desnaturalizar” os modos de ver que tínhamos como óbvios, questionando conceitos já estabilizados em muitos campos da experiência humana. Através da nossa experiência histórica podemos reinventar novas maneiras de ser e estar no mundo. Através dessas experiências, as concepções de mundo e sua natureza são, muitas vezes, formas europeias de se ver a realidade, pois sabemos que a Europa dos séculos XV e XVI foi condição indispensável para que vários lugares e sociedades fossem

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

integrados em um espaço mundial, através das navegações e rotas de comércio, com a expansão do capitalismo (CARVALHO, 1991).

Com o auxílio dos fundamentos da Educação Ambiental, podemos examinar a crise ambiental que se instala, ao tensionar nossas heranças modernas. Questionar as verdades e certezas que nos fazem se relacionar com a natureza de uma forma e não de outra, pensar nos tributos da ciência moderna em nossos modos de existir e conviver com a natureza. É a partir de Copérnico, Bacon, Descartes, Newton entre outros, que o Pensamento Moderno instaura modelos de técnica e ciência, formas de descrever e de dominar a natureza na atualidade.

A relação das mulheres com a natureza na trama da Educação Ambiental se tornou uma posição de destaque, em uma construção mútua dos movimentos ambientalistas e feministas, em diversas instâncias governamentais e não governamentais. Se num dado momento histórico, o homem está posicionado no centro da resolução dos problemas ambientais pautado pela racionalidade científica, agora nesta nova trama, em um momento de crise mundial convoca-se as mulheres para proteção e cuidado do planeta.

O que nos interessa aqui, não é destacar o certo e o errado nas nossas relações com a natureza, mas evidenciar as construções históricas e culturais que constituem esta relação. E principalmente mostrar o quanto estes modos de pensar, valorizar e se relacionar com a natureza vêm se constituindo e se modificando pela história e cultura, com o intuito de problematizarmos e (re)inventarmos novos modos de nos relacionar com a natureza na atualidade nos interstícios da Educação Ambiental.

5. TENSIONANDO VERDADES NA BUSCA DE TECER NOVOS OLHARES

Entendemos as noções de antropocentrismo, bem como a mulher como aquela que cuida, que protege estejam enredadas em teias discursivas que consolidam “verdades”. Apoiamos nosso entendimento indo ao encontro de preceitos de Michel Foucault que diz: “Entendo por verdade o conjunto de procedimentos que permitem a cada instante e a cada um pronunciar enunciados que serão considerados verdadeiros”. Provocando-nos a olhar

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

com desconfiança sobre as verdades previamente estabelecidas, verdades como fabricação, como efeitos discursivos. (FOUCAULT, 2006, p. 232-233).

Nietzsche, corrobora para esse entendimento:

O homem do rebanho chama de verdade aquilo que o conserva no rebanho e chama de mentira aquilo que o ameaça ou exclui do rebanho. A verdade e a mentira são ditas a partir do critério da utilidade ligada à paz no rebanho. Assim, os gestos, as palavras e os discursos que manifestem uma experiência individual própria em oposição ao rebanho, ou não são compreendidos ou trazem mesmo perigo para aqueles que assim se mostrem. Portanto, em primeiro lugar, a verdade é a verdade do rebanho (NIETZSCHE, 2008, p.6).

Nesse sentido, entendemos o antropocentrismo como um plano consolidado em que o rebanho não ousa contestar, e as vezes nem pensa sobre o que vem sendo distribuído, aproveitando excerto de Nietzsche: “O homem do rebanho chama de verdade aquilo que o conserva no rebanho”, as verdades consolidadas conservam e mantêm o rebanho.

Entendemos que os exercícios enunciativos, se alocam em um conjunto de regras que imprimem em nossos modos de vida, verdades que fabricam nossas maneiras de ser e agir. As verdades sendo produzidas com inúmeras coerções e produzindo efeitos de poder, como acentua Foucault:

A verdade é deste mundo; ela é produzida nele graças a múltiplas coerções e nele produz efeitos regulamentados de poder. Cada sociedade tem seu regime de verdade, sua ‘política geral’ de verdade: isto é, os tipos de discurso que ela acolhe e faz funcionar como verdadeiros; os mecanismos e as instâncias que permitem distinguir os enunciados verdadeiros dos falsos, a maneira como se sancionam uns e outros; as técnicas e os procedimentos que são valorizados para a obtenção da verdade; o estatuto daqueles que têm o encargo de dizer o que funciona como verdadeiro” (FOUCAULT, 2015, p. 52).

Vislumbramos essas inquietações como potência para pensarmos as tramas discursivas que se entrelaçam ao antropocentrismo pautado na figura masculina, as mulheres atribuídas ao cuidado. Com esse plano de e, impulsionadas pela força desses discursos, que o trabalho se alinhava. Pensando os enunciados, mas provocando que se

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

reaja à pobreza enunciativa, falando a partir dela e apesar dela, não definindo verdades, mas verificando a possibilidade de transformação desses discursos, que podem deixar de ser como são, para quem sabe, tornar-se um tesouro inesgotável de onde se podemos tirar novas riquezas, imprevisíveis a cada vez (FOUCAULT, 2008, p. 136). Com essas provocações nos encaminhamos para a última parte do trabalho em que tecemos considerações.

6. CONSIDERAÇÕES

O trabalho emerge do desejo de problematizar tantas verdades estabelecidas em relação as questões ambientais, dispersas em diferentes espaços e, buscando tencionar as forças que se produzem para que esses discursos tomem corpo, lugar e espaço no mundo em que vivemos. Através de algumas imagens coletadas na internet provocamos sobre tantos discursos que as vezes estão introjetadas que tão pouco questionamos as reverberações diárias sobre eles como por exemplo as visões femininas muito pautadas no cuidado e em um romantismo entremeado a essas relações.

Nesse momento que a pausa da escrita é necessária, recordamos novamente Foucault (1998, p. 13), onde diz que na vida, existem momentos que perceber diferentemente do que se vê e pensar diferentemente do que se pensa é indispensável para continuar a olhar e a refletir... As inquietações crescem e impulsionam as pesquisas, o trabalho por sua vez, tenta lançar luz para discursos proliferantes e, convida, assim como Fisher (2002, p. 58), a deixar para trás o lago sereno das certezas e ir buscar ferramentas produtivas, estimulando que se pense de outras formas sobre o que vem sendo distribuído.

Fica o convite a tentarmos pensar um pouco diferente de tantas noções de verdade que nos capturam em tempos contemporâneos.

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

REFERÊNCIAS

ÁVILA, Dárcia Amaro. RIBEIRO, Paula Regina Costa e HENNING, Paula Corrêa. “O Gênero é fundamental para o desenvolvimento sustentável”: reflexões sobre a operação de dispositivos em programas globais e seus efeitos para a Educação Ambiental. Rio Grande: **REMEA**, Ed. Especial, p.95-119, julho/2016. Disponível em: <https://www.seer.furg.br/remea/article/viewFile/5962/3685>. Acesso em: 05 de setembro de 2016.

BRAIDOTTI, Rosi; CHARKIEWICZ, Ewa; HAUSLER, Sabine; WIERINGA, Saskia. **Mulher, ambiente e desenvolvimento sustentável. Para uma síntese teórica.** São Paulo: Instituto Piaget, 1994.

CARVALHO, Isabel Cristina de Moura. **Educação ambiental: a formação do sujeito ecológico.** São Paulo: Cortez, 6ªed., 256p., 2012.

CARVALHO, Marcos de. **O que é Natureza?** São Paulo: Editora Brasiliense, 1991.

FISCHER, Rosa. B. Verdades em suspenso: Foucault e os perigos a enfrentar. In.: Costa, Marisa Vorraber. (org). **Caminhos investigativos II: outros modos de pensar e fazer pesquisa em educação.** Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso.** São Paulo: Loyola, 1999.

FOUCAULT, Michel. **História da Sexualidade 2: o uso dos prazeres.** Rio de Janeiro: Edições Graal, 1998.

FOUCAULT, Michel. Eu sou um pirotécnico. In.: POL-DROIT, Roger. **Michel Foucault Entrevistas.** RJ: Graal, 2006. P. 68-100.

Michel. **A arqueologia do saber.** Rio de Janeiro: Editora Forense Universitária, 7ª edição. 2008.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder.** São Paulo. Editora Paz e Terra. 2015.

GARCIA. Sandra M. Desfazendo os vínculos naturais entre gênero e meio ambiente. **Revista de Estudos Feministas**, Rio de Janeiro, p.163-68,1992. Disponível em: <http://www.redalyc.org/pdf/381/38126508015.pdf>. Acesso em: 05 de setembro de 2016.

GUIMARÃES, Leandro Belinaso. A importância da história e da cultura nas leituras da natureza. **Inter-Ação: Rev. Fac. Educ. UFG**, v. 33, n.1, p. 87-101, jan./jun. 2008. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/interacao/article/viewFile/4244/4174>. Acesso em: 05 de setembro de 2016.

Revista GepeVida 2018

Edição Especial: Encontro e Diálogos com a Educação Ambiental

<http://www.icepsc.com.br/ojs/index.php/gepesvida>

Volume 4. Número 8 – 2018 ISSN: 2447-3545

GRUN, Mauro. **Ética e Educação Ambiental: a conexão necessária.** Campinas: Papirus, 2007.

MILARÉ, Edis. **Direito do Ambiente: a gestão ambiental em foco: doutrina jurisprudência, glossário, 9ª edição,** São Paulo: Revistas dos Tribunais: 2015.

NIETZSCHE, Friedrich. **Sobre Verdade e Mentira no sentido extramoral.** 2008. Disponível em: http://imediata.org/asav/nietzsche_verdade_mentira.pdf. Acesso em 14 de agosto de 2018.

SEABRA, Giovanni (organizador). **Educação Ambiental: conceitos e aplicações.** João Pessoa: editora da UFBP. 2013.

VEIGA-NETO, Alfredo. Ecolítica: um novo horizonte para a Biopolítica. **REMEA - Revista Eletrônica do Mestrado em Educação Ambiental**, [S.l.], p. 208-224, dez. 2014. ISSN 1517-1256. Disponível em: <https://www.seer.furg.br/remea/article/view/4860>. Acesso em: 02 jun. 2017.

Recebido em novembro de 2018.

Aceito em dezembro de 2018.